

Organização da instrução na Cavalaria

NOTAS DE AULA

Cap. JOSÉ HORACIO CARCIA

Na parte dêste trabalho publicada à página 554 desta revista, n.º 301, dizíamos, referindo-nos à organização de uma sub-unidade para a instrução: “vimos mais que esta preparação saía do campo fácil da organização material, entrando francamente não só no adusto matagal da preparação do ambiente moral propício à **formação** e conservação de caracteres sãos, como na simples mas delicada parte da preparação intelectual”.

IDÉIAS GERAIS SÔBRE O ELEMENTO HOMEM: SEU ESTUDO SOB O PONTO DE VISTA FÍSICO, MORAL E INTELECTUAL; CUIDADOS ESPECIAIS PARA MELHORAR O SEU RENDIMENTO

IDÉIAS GERAIS

Até há bem pouco tempo as nossas preocupações sob o ponto de vista pedagógico, não passavam do estudo empírico das aplicações constantes dos livros francêses sob instrução que até aqui nos chegavam; não nos importava a razão de ser das regras neles enunciadas, obedecíamos cega e religiosamente.

Bouron, Choquet, Laffargue, Guigues, Gerin, La Garennie, Paillié, Mathieu, Loustantau, Desangles e outros escritores militares, são dignos de seguirmos as suas interpretações dos regulamentos, mas devemos ter um **pouco mais de curiosidade profissional**, procurando vêr atrás de suas regras os princípios que as ditaram.

Com o advento da Escola de Educação Física, verdadeiro laboratório biofisiológico, eis-nos enfrentando consciente e

racionalmente a organização de um dos grandes ramos da instrução, fator de um problema nacional, a educação física, mas que só trará proveitos reais o dia em que dispuzermos de especializados em número e qualidade suficientes.

Infelizmente até a presente data os corpos não dispõem destes elementos preciosíssimos no número necessário.

Vejamos como procedemos. Orientam-nos práticas ou princípios racionais e seguros?... Vejamos...

O PONTO DE VISTA FÍSICO

Como chegam os nossos recrutas, como os recebemos e como devíamos recebê-los ?

Os nossos recrutas na cavalaria são franzinos e, em geral, mulatos, trazem consigo o estigma da cruz fraca e da vida difícil.

Encostados ao regimento, comumente, o que fazemos com estes homens, antes de incorporá-los ?

— Todos somos testemunhas, levamô-los para as faxinas pesadas, sem distinção de função-origem; vão alí ombro a ombro o fraco empregado de escritório e o forte carregador de armazem.

— Depois, então, de cometermos este barbarismo, começam os delicados trabalhos físicos, (a prova fisiológica) acompanhados de recomendações carinhosas do oficial regimental e dos médicos (crentes e metódicos).

Este modo de proceder serve para provar que, em geral, desconhecemos as necessidades de adaptação moral e física dos homens que nos são entregues e que se entregam confiantes em nós; mostramos até falta de bom senso, quando obrigamos um menino que nunca trabalhou com uma picareta a manejá-la três ou quatro horas a fio.

Visto como nos chegam e em linhas gerais como os recebemos, passamos agora ao modo como devíamos recebê-los e tratá-los para melhorar o seu rendimento.

Durante o período que medeia entre a desincorporação e a incorporação, o capitão deve empenhar-se a fundo na

preparação material da sua sub-unidade para receber os novos soldados.

A educação física está intimamente ligada à higiene, donde alojamento arejado, colchões, travesseiros e roupa de cama em condições; o problema da escôva de dentes resolvido, o calção de ginástica, o chuveiro, o piso do alojamento encerado para facilitar a limpeza diária, etc..

O coronel deve empenhar-se em auxiliar e impulsionar os seus capitães, não esquecendo que a bôa alimentação faz parte da higiene e sôbre a qual os capitães não têm influência direta.

Para que fim, perguntamos, o homem requer a nutrição?

— “Diàriamente o corpo se gasta mais ou menos; no exercício muscular, no sistema nervoso pelas ações mentais, nas víceras pelas funções da vida e o tecido assim gasto tem que ser renovado; diàriamente pela radiação o corpo perde calor e para êsse fim certos elementos constitutivos do corpo sofrem uma oxidação contínua. Portanto, os únicos fins, para que o indivíduo precisa a nutrição são para suprir a êsse gasto diário e fornecer a despeza diária de calor”.

Desde que a alimentação fornecida seja insuficiente ou mal preparada, haverá um déficit que correrá por conta das economias do fraco recruta.

Helbert Spencer estudando a educação física diz que os empreiteiros das estradas de ferro na Inglaterra costumavam levar consigo seus operários, os sapadores inglêses, acostumados a alimentação com predominância da carne, porque são incomparavelmente mais resistentes que os outros operários do continente.

Está provado perfeitamente que esta superioridade não é resultante da diferença da raça, mas da diferença de regime alimentar.

Não resta dúvida que algo de fisiologia e higiene necessitamos para bem orientar a alimentação dos nossos homens.

Pois bem, incluídos os recrutas, o meio deve ser completamente sã, portanto, além do material que sábia e cuidado-

samente foi preparado, os elementos antigos, soldados e graduados, devem ter hábitos dignos de servirem de modelo aos novos.

Precisamos lembrar-nos que dando a êsses homens que nos são entregues hábitos higiênicos, isto terá influência no meio para o qual êles voltam.

Já é hoje uma preocupação nos corpos a educação sexual e sôbre a qual devemos fixar a nossa atenção com capricho e persistência.

Outro ponto de real valor e de grande influência na vida em geral do homem é o estado de seus dentes, portanto é outro problema que merece a nossa atenção; o Governo vai aumentar o quadro de dentistas, mas isto não bastará, é preciso que o capitão sinta a necessidade dêste serviço para que os seus soldados possam dêle tirar realmente proveito.

O quartel deve ser uma escola de higiene, na qual todos devemos colaborar, seguindo as pistas do médico-chefe com os seus enfermeiros, do oficial dentista e do oficial de educação física regimental.

E' comum cuidarmos com carinho de um mosquetão, de um arreamento, de um cavalo, mas não é comum nos interessarmos diante de um soldado triste, diante de outro pálido. aguardamos que venham a nós...

Eis a situação em que apenas o título de instrutor já não nos chega e se assim cumprirmos as nossas obrigações, bem merecemos o de educadores.

Um problema que nos ia passando e que é de real importância, é a organização dos horários, que exige outros conhecimentos além do geito necessário para acomodar as diferentes instruções, horas de refeição, descansos, etc. dentro das 24 horas.

Embora tudo isto, é interessante e animador verificarmos os resultados no fim da 16.^a semana; a educação física aliada a outras instruções, e a assistência constante do capitão tudo modificaram. Mas, como um resíduo ficou uma pequena turma de retardatários; ainda aqui é preciso levan-

tarmos os olhos para a fisiologia ou para uma sub-ciência que hoje já impera — a educação dos anormais.

Sobre este assunto recorde-me perfeitamente de um fato passado durante os exames de recrutas num regimento, quando após um G.C. evoluir diante de nós, o comandante do esquadrão retira de forma um soldado que todos havíamos notado o seu atrazo relativamente aos outros, e nervoso, dirige-lhe palavras ásperas mostrando-lhe como havia feito um papel feio — mas o recruta nada parecia perceber porque continuou rindo inexpressivamente; neste episódio prestamos mais atenção às palavras e aos gestos do comandante do esquadrão.

Para finalizar esta parte relativa ao estudo do homem sob o ponto de vista físico, lembramos que “a escola nova hoje se propõe uma educação completa, natural, educação para a vida, ampla porque mobilisa e trata do físico, do moral, do mental dentro de quadros sociais reais” e, se a escola prepara as crianças que mais tarde serão os soldados, é claro que o quartel não pode se isolar dêste movimento e assistir impassível o esforço diminuto do professorado relativamente ao que precisamos de educação e, portanto, devemos cooperar com êle, pelo menos, fazendo do quartel um meio são para receber e não transformar aqueles que trazem bons hábitos.

* * *

Passemos agora a vê-los sob o ponto de vista moral.

Como nos chegam os recrutas ?

Em geral, podemos grupá-los em três turmas: homens com alguma instrução e que pela primeira vez deixam o lar; homens sem nenhuma instrução mas sem maus hábitos e finalmente homens sem instrução ou com instrução e que já trilharam os piores caminhos do vício.

Ao transporem o portão do quartel os primeiros são tímidos, os segundos são retraídos por ignorância e os terceiros se aproximam mais dos segundos, mas bem cedo surge-lhes a oportunidade.

Não resta dúvida que o quartel também é uma escola de moral, alí se aprende a proceder direito, e os recrutas ao

ingressarem nas fileiras assumem parte da responsabilidade pelo bom nome da corporação — é a primeira obrigação.

O quartel é cheio de deveres a que não podemos fugir e terminamos por fazer do cumprimento dêles como uma religião. Mas sendo o quartel uma escola não devemos nos contentar que os novos soldados apenas sigam o exemplo dos antigos, é necessário que além disto, diariamente, a todos os momentos, “procuremos inculcar-lhes a consciência do dever e da responsabilidade; procuremos estudar-lhes o caráter, desenvolvendo neles o espírito de brasilidade e os deveres de cidadão”.

Uma observação aqui se impõe, o exemplo dos soldados antigos impressiona muito mais que os conselhos diários dos superiores; aqueles agem quando o quartel parece dormir, portanto, quando o recruta longe dos seus superiores, se entrega às suas vontades.

Como justificativa disto diz Claparede em seu livro “A educação funcional” — de tôdas as influências educativas é sem dúvida a maior, a mais oportuna e eficaz, o exemplo”; o mau exemplo propaga-se como uma epidemia, com imensa rapidez e a todos contamina.

Portanto, nada justifica conservar nos quartéis indivíduos de má conduta, apenas com a justificativa “é de confiança”, “é um bom tratador de cavalo”, enfim “é um bom homem”.

A educação moral deve ser uma preocupação de todos os dias, de todos os instantes. Devemos crear em nossas sub-unidades um ambiente tal que o faltoso se sinta completamente deslocado”. E’ preciso indicar claramente ao soldado os seus deveres; explicar-lh’os de modo que compreenda, ensinar-lhe a observá-los juntando o exemplo ao preceito, facilitar-lhe a prática por advertências e conselhos, obrigá-lo a nunca dêles se afastar, concitá-los à perseverança, empregando com justiça as repressões e os castigos”.

Sendo de todos os momentos, não exclue as lições preparadas e marcadas no quadro de trabalho.

A educação moral segundo Pestalozzi e Kerschensteiner, é mais importante que a cultural. Forster, outro sustentáculo da escola nova, acrescenta que a formação moral dos indivíduos é a base de toda formação social.

Um outro autor diz, "mais importante, pois, que a cultura da inteligência, é a da educação moral que forma a vontade no bem e na virtude, produz a energia máscula para vencer os obstáculos, dá a rigidez de caráter, traçando as normas fixas e imutáveis, segundo as quais o homem age de uma maneira uniforme e constante, superior aos caprichos individuais e às sugestões do meio".

"A educação moral coordena as nossas tendências, subordina os instintos à razão e unifica todas as forças do espírito" diz Monsenhor Pedro Anísio.

Nesta parte da instrução também agimos em geral sem uma base pedagógica sólida. Talvez seja a parte da instrução que mais precisa o auxílio da psicologia, da sociologia e até da fisiologia.

Cito dois livros interessantes, relativos mais ou menos a este assunto: "A psicologia dos comportamentos" e "O temperamento e o caráter".

O estudo dos caracteres humanos é também de real valor para nós instrutores, que vivemos ao lado de nossos recrutas, sentindo-os diariamente.

— Como devemos observar os caracteres.

— Constância do caráter e suas modificações superficiais.

— Quando começa o caráter a se firmar.

— Os modificadores do caráter: internos (hereditariedade, idade, saúde, doença, ação recíproca dos sentimentos, energias intelectuais); externos físicos (alimentos, bebidas, clima, estações) e externos psíquicos (exemplo, educação, profissão, ambiente político, social, econômico e religioso).

— Classificações dos caracteres (nesta classificação são interessantes os falsos bons e os falsos maus de Mantegazza).

Que livros mais interessantes para nós que a "Psicologia das Multidões" de Le Bon, que "A arte de comandar" de Gaudet, que a "Educação Moral do Soldado", de Corsi ?

"A psicologia não nos ensina os métodos educativos, ela juntamente com a fisiologia, nos dá a realidade do educando".

Quanto à importância da psicologia para nós instrutores comandantes ou educadores, é fora de dúvida; ela é uma das ciências fundamentais da pedagogia.

Herbert foi o primeiro a reconhecer esta verdade.

Na prática deste ramo da instrução, a educação moral não basta reprimir as más inclinações, é importante principalmente estimular as boas; segundo a escola de Rousseau o papel do educador deverá limitar-se à repressão dos afetos desordenados, vigiando por que não se reproduzam e se transformem em atos viciosos.

"Se quereis, pois, inculcar a virtude, sede o primeiro virtuoso, se quereis ser respeitado, respeitai".

Antes de encerrarmos esta parte, digamos algumas palavras sobre os prêmios e os castigos, de grande influência moral e aplicados a toda a nossa instrução.

Os prêmios são necessários como emulação; quando discretamente distribuídos são de efeito maravilhoso.

"Entre os melhores prêmios devem-se colocar os louvores do superior; excitam o sentimento de honra, suscitam esforços e novas energias; é necessário, porém que o louvor seja discreto e não conferido sempre ao mesmo indivíduo, pois estimularia neste a vaidade e nos outros a inveja".

"O castigo infligido pela autoridade visa melhor o faltoso, formar-lhe a vontade no bem, despertando-lhe a consciência de seus deveres, metendo-os em brios e impedindo-o assim de reincidir nas mesmas faltas".

Quanto à aplicação dos castigos, o R. D. E. é claro, seria interessante analisar as suas regras à luz dos princípios educacionais.

O tema de que estamos tratando é por demais vasto, sendo o que estamos fazendo, apenas alinhavos, mas cujo objetivo

é unicamente despertar o interesse dos instrutores e comandantes.

Seria de algum valor tratarmos da fadiga física e intelectual.

* * *

Passemos agora à ultima parte de nosso trabalho, o estado do homem sob o ponto de vista intelectual e os meios para melhorar o seu rendimento.

Seguindo o mesmo método que vimos adotando para o estudo do homem sob o ponto de vista físico e moral, podemos dizer que, em geral, 80 % dos incorporados são analfabetos, mas é interessante observar que é entre estes que se encontram os melhores cavaleiros, os homens mais decididos, e os melhores soldados para a campanha.

Então, para o objetivo da instrução da tropa esta questão de analfabetos não tem grande importância; vale alguma coisa porque o regulamento diz que o capitão deve esforçar-se por não comandar analfabetos no fim do primeiro período de instrução, e, por outro, aliás grave, é que a nossa instrução ainda é defeituosa, é muito teórica: — tratamos mais de desenvolver a memória que as possibilidades de ação.

Quem são os candidatos à graduado, quem são os cabos e sargentos em nossos corpos? — São, em geral, os meninos que da escola vieram para o quartel. Agora, todos nós estamos convencidos que na maioria estes nossos graduados falham em campanha, por falta de iniciativa e mesmo de fôrça moral para comandar.

Em campanha haverá uma seleção natural, em que as qualidades de caráter, iniciativa e sangue frio farão 95 % dos chefes.

Lembro-me neste momento do General Brallion, contando o espanto causado quando inscreveu um analfabeto no pelotão de candidatos a cabo. São suas estas palavras: "é preciso dar divisas aos que tem autoridade mesmo sem elas, isto é, aos melhores soldados, qualquer que seja a fraqueza de sua instrução geral". (*)

(1) Ensaio sobre a instrução militar.

No Rio Grande, podemos afirmar, até 1937, 90% dos incorporados eram analfabetos.

Precisamos chamar a atenção dos instrutores que é errado nos empenharmos a fundo, querendo ensinar os recrutas a lêr, como se bastasse saber lêr para ser bom soldado; mesmo sob o ponto de vista educativo, isto é discutido; seria muito mais proveitoso dar-lhes lições de coisas, que lhes despertariam mais a atenção que o “dá-me o dado” que o “dedo da Diva” das cartilhas; será de mais interêsse para um homem bruto mas prático e lhe trará mais resultados uma explicação sôbre o ferro e suas aplicações, sôbre o algodão, uma lição simples de botânica, etc. . . e isto lhe aumentaria as possibilidades de observação, lhe ampliará a visão . . .

Consideramos outro erro pedagógico o funcionamento da aula de analfabetos fóra das horas de expediente; o homem não é culpado, êle não sabia desta necessidade, portanto, não merece o castigo dêste trabalho suplementar; o recruta não merece e muito menos o tenente diretor da escola os graduados auxiliares, pois os professores civis ainda não resolveram completamente o problema, principalmente pelo seu número relativamente ao número dos alunos. Justificamos êste corte com Spencer quando comparando a educação nova com a antiga diz “de tôdas as mudanças que se efetuaram, a mais importante é o crescente desejo de tornar o estudo uma ocupação agradável e não enfadonha”. E' o mesmo princípio pedagógico que justifica as sessões de educação física variadas para serem agradáveis, as sessões de instrução combinando diversos assuntos para tirar-lhes a monotonia.

Foi-se o tempo do ensino, antes de qualquer outro ponto, das célebres 7 partes do mosquetão: — hoje o homem pega o mosquetão e vai para o cavalete de pontaria e lá utilizando as diferentes partes da arma êle aprende os seus nomes e êsses nomes não tem grande importância, o essencial é que o soldado saiba se servir da arma.

“O fácil é o simples, mas nunca é o elemento desarticulado” e sim o elemento num conjunto, o elemento que desempenha um papel do qual vemos claramente os efeitos.

E' comum falarmos em criar hábitos, reflexos, mas nunca prescramos as leis que os regulam, quais os melhores meios de obtê-los.

Outra coisa: exigimos constantemente que certos nomes sejam guardados de memória; perguntamos: alguma vez nos interessaram os processos de memorização?

E assim por diante...

* * *

Feito êste estudo em traços gerais e mesmo dando-lhes as vezes um aspecto crítico, uma pergunta fica-nos à beira dos lábios: — Como sai o soldado do quartel? Qual o seu estado físico, moral e intelectual quando novamente retorna ao traje civil?

Físicamente — em ótimas condições, pois que temos bem lembrança das suas atitudes quando vem se apresentar: — encurvado, pálido, sem músculos, em geral fraco; do quartel quando regressa leva além da saúde a alegria do dever cumprido.

Moralmente — o quartel é uma escola de moral e todos aqueles que terminam o tempo é porque são bons soldados. O rapaz novo forma o seu caráter nos embates com os mais antigos, com as obrigações árduas, sempre sob o olhar protetor e alerta dos superiores.

Intelectualmente — não resta dúvida que relativamente ao estado em que chegam os recrutas, é o ramo em que mais progredem; a ginástica intelectual contínua desenvolve-lhes o intellecto, aumentando-lhes a visão e o senso da observação.